

PERSPECTIVAS PARA A QUALIDADE DE VIDA E A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO CONTEXTO DA SOCIEDADE DE RISCO

Silviamar Camponogara*
Ana Lúcia Cardoso Kirchhof**
Flavia Regina Souza Ramos***

RESUMO

O presente trabalho se constitui de uma reflexão teórica que objetiva discutir a concepção de qualidade de vida e promoção da saúde diante do atual contexto de sociedade de risco, buscando evidenciar aspectos que contribuam para o seu melhor entendimento, de forma a oferecer diferentes perspectivas para a práxis em saúde. Utiliza-se como base teórica, o pensamento dos sociólogos Ulrich Beck e Antony Giddens, os quais apontam novos aportes para a discussão de questões inerentes à vida contemporânea. Também explora os conceitos de qualidade de vida e promoção da saúde, a fim de obter parâmetros para análise. Compreendemos que falar em riscos e qualidade de vida implica em dar espaço para a revisão de pressupostos que repercutam em concepções teóricas e práticas sociais mais abrangentes, abertas à multidimensionalidade, valorizando a subjetividade dos sujeitos, atribuindo centralidade aos riscos na análise do processo saúde-doença e possibilitando um novo olhar para a práxis em saúde.

Palavras-chave: Risco. Qualidade de Vida. Promoção da Saúde. Prática Profissional.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em vários espaços da sociedade atual desdobra-se um debate sobre questões relativas à modernidade, muitas das quais afetam o cotidiano de indivíduos e populações. Não obstante, nem sempre as origens, as consequências e a exploração dos diferentes posicionamentos possíveis diante de tais questões são devidamente tratadas. Um foco importante deste debate está relacionado ao conceito de risco e sua interferência nos diversos processos da sociedade. Entre as muitas áreas que têm buscado fazer uma apropriação teórica dessa questão podemos destacar a Sociologia, a partir do pensamento de estudiosos que atribuem um papel de centralidade aos riscos na gênese e processualidade de aspectos diversos da sociedade, demarcando o impacto que provocam sobre indivíduos, instituições e a sociedade em geral.

A despeito da importância desta discussão, ela parece ser incipiente em alguns cenários e entre alguns atores sociais, não havendo uma difusão suficientemente ampla do debate. Neste particular, podemos demarcar os espaços e

cenários em que se dá a tematização de questões relativas à qualidade de vida e promoção da saúde. Embora o setor da saúde seja o responsável pela discussão de questões primordiais do viver humano, em um sentido geral, parece muito arraigado a pressupostos centrados no modelo cartesiano de predição e controle, resultando em ações direcionadas por um viés teórico e metodológico assentado na causalidade, na objetividade, em aspectos puramente quantitativos e biológicos, para os quais o conceito de sociedade de risco oferece uma interessante perspectiva de análise.

O propósito deste texto é refletir sobre a concepção de qualidade de vida e promoção da saúde no contexto da sociedade de risco, evidenciando aspectos que possam contribuir para o seu melhor entendimento. Esta reflexão é oriunda de inquietações acerca da tematização da relação entre o campo da saúde e a atual problemática ambiental, a qual compõe uma tese de doutorado sobre o assunto. Nesse sentido, entendemos que o aprofundamento deste debate a partir de uma análise sobre as concepções de qualidade de vida e promoção da saúde e de sociedade de risco é fundamental para o entendimento, não só da interface saúde e meio

*Enfermeira. Professora de Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: silviaufsm@yahoo.com.br

**Enfermeira. Doutora. Professora Adjunta da UFSC. E-mail: kirchhof@terra.com.br

***Enfermeira. Doutora. Professora Associada da UFSC. E-mail: flareginar@terra.com.br

ambiente, mas da concepção de saúde propriamente dita, e possibilitar diferentes ou novas concepções, dinamizando e ampliando processos reflexivos e transformações práticas.

A SOCIEDADE DE RISCO: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Se intensas transformações já marcam o processo de modernização desde o advento da Revolução Industrial, contemporaneamente tem havido uma intensificação, não só das transformações propriamente ditas, mas também na forma como elas se dão. A sociedade moderna, em virtude de seu dinamismo, apresenta mudanças no que tange à formação de classes, camadas sociais, família, instituições em geral, dando lugar a um novo estágio, em que o progresso técnico-econômico pode levar à autodestruição. Esta modernização reflexiva implica em uma silenciosa radicalização da modernidade, que invade a sociedade industrial e abre caminhos para outra etapa – a da sociedade de risco, resultante das certezas da sociedade industrial ancoradas no consenso de pessoas e instituições sobre o progresso e abstração de seus efeitos, que acabam por destruir as bases da própria sociedade⁽¹⁾.

O conceito de risco tem fundamental importância neste contexto, constituindo-se em característica primordial da civilização industrial moderna. No entanto, é viável disciplinar os riscos mediante sua busca ativa, como forma de configurar-se uma sociedade inovadora, já que viver em uma era global significa enfrentar diversas situações de risco⁽²⁾. Este é o novo caráter que risco e acaso assumem diante da reflexividade da sociedade, da modernidade globalizante. A modernidade, embora tenha dado origem a instituições de prestígio e criado oportunidades em prol de uma vida mais segura, também levou a efeitos negativos, mais evidentes a partir do século XX. Diante deste panorama, pode-se chamar a atenção para a discussão empreendida no que tange ao aspecto ambiental, que, na sociedade de risco, assume relevância quando se consideram os efeitos advindos da sociedade industrial sobre o meio ambiente e os riscos a eles inerentes.

Uma das formas de ler a história humana é fazê-lo a partir da ascensão da agricultura e das

grandes civilizações e observar a destruição progressiva do ambiente físico, já que a natureza foi moldada à imagem humana na organização do mundo social. Assim, a abordagem ecológica surgiu como resposta a esta percepção da destrutividade humana⁽³⁾. Antes dos anos 80 os fenômenos ambientais eram considerados desinteressantes para a sociologia. A partir da reformulação recente deste pensamento, houve um movimento de mudança neste processo de entendimento da crise ambiental e sua interferência nos valores sociais e comportamentais⁽⁴⁾.

Com isso, esta etapa da modernidade, também classificada como pós-tradicional, não pode ser vista como um ponto final, na medida em que novos elos sociais precisam ser estabelecidos, em âmbito tanto pessoal como coletivo, abrindo novos caminhos para a dimensão política na esfera da ação humana e institucional⁽⁵⁾. Desta forma, por meio de novas abordagens e oportunidades, poder-se-ão buscar estratégias para contrapor-se aos efeitos da civilização industrial, em especial aos seus riscos. Novos pressupostos e práticas precisam ser construídos para fazer frente a este desafio. No que tange ao papel da ciência diante da pluralidade de questões emergentes na atualidade, há uma heterogeneidade de reivindicações que colocam em cena muitas controvérsias, abalando o prestígio e o privilégio da prática da ciência dominante, ou seja, “estamos em grande parte num mundo que é inteiramente constituído através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas onde, ao mesmo tempo, não podemos nunca estar seguros de que qualquer elemento dado deste conhecimento não será revisado”^(5:46). Percebe-se que os pressupostos epistemológicos que até a atualidade têm ancorado o pensamento científico já não são o único porto seguro para a ciência. A reflexividade abriu portas para novas formas de perceber a realidade.

Sob outro aspecto, o pensamento presente na sociedade reflexiva acaba invadindo a esfera da vida particular dos indivíduos, uma vez que a vida pessoal e os problemas globais se intercomunicam; questões filosóficas tornam-se parte da vida cotidiana e fazem emergir uma simbiose que direciona escolhas e decisões⁽¹⁾. No contexto pós-tradicional, não há outra escolha

senão decidir como ser e agir, no sentido de enfrentar as múltiplas possibilidades da vida cotidiana. É a escolha ativa que produz autonomia; porém, embora diga respeito ao estilo de vida, ela nem sempre está totalmente ao alcance dos indivíduos, limitada por fatores diversos⁽³⁾. Pode-se deduzir, entretanto, que essas escolhas estão na alçada dos valores, os quais dependem das perspectivas presentes no mundo social, o que está relacionado à forma como as pessoas percebem os riscos e a eles reagem.

A modernidade reflexiva a partir da centralidade na análise dos riscos refere-se às transformações sociais individuais e coletivas. Assim, falar em qualidade de vida, por exemplo, implica estabelecer parâmetros de análise que dêem conta das questões mencionadas, já que a reflexividade coloca-se como presença cotidiana no viver em um contexto social – o dos riscos – e depende de relações muito estreitas com indivíduos e instituições, mediadas por valores e escolhas. A realização dessa análise possibilita a emergência de novas formas de pensar e agir, estabelecendo diferentes e diretrizes de ação.

CONCEPÇÕES DE QUALIDADE DE VIDA E PROMOÇÃO DA SAÚDE

A concepção sobre qualidade de vida e promoção da saúde há muito integra o cenário e as discussões no âmbito do setor da saúde. Diversas aproximações conceituais têm fundamentado as ações em prol da melhoria da qualidade de vida e promoção da saúde na humanidade, influenciadas por inúmeros aspectos.

Há a necessidade de uma concepção abrangente sobre qualidade de vida, já que as condições que a tornam possível são simultaneamente humanas e ambientais; individuais e coletivas; reais, simbólicas e imaginárias; afirmativas e negativas⁽⁶⁾. Mas, isto nem sempre é levado em consideração, verificando-se, freqüentemente, uma tendência a entender qualidade de vida e saúde com base em concepção de saúde como mera ausência de doença. “Afirmar que o conceito de saúde tem relações ou deve estar mais próximo da noção de qualidade de vida, que saúde não é mera ausência de doença, já é um bom começo,

porque manifesta o mal-estar com o reducionismo médico. Porém, pouco acrescenta à reflexão”^(7:8).

A ampliação do conceito de saúde é fundamental para a constituição de um campo de conhecimentos e práticas voltados à sua promoção, e parte do reconhecimento da insuficiência do modelo biológico, da tecnologia médica e do foco exclusivo no risco individual para responder ao processo de saúde-doença⁽⁸⁾. Alguns autores concordam que novas idéias, surgidas em nível mundial, sobre promoção da saúde foram importantes para acrescentar subsídios ao conceito de qualidade de vida. No entanto, este movimento somente teve maior ênfase a partir da década de 1970, com as críticas aos altos custos da medicina curativa de alta tecnologia e seu baixo impacto sobre a qualidade de vida das pessoas⁽⁹⁻¹⁰⁾. Pode-se dizer que a publicação do Informe Lalonde, no Canadá, em 1974, e a realização da Conferência Internacional sobre Atenção Primária de Saúde, em Alma Ata, em 1978, foram marcos propulsores deste movimento. Entretanto, três importantes conferências estabeleceram as bases conceituais e políticas contemporâneas de promoção da saúde: as de Ottawa (1986), de Adelaide (1988) e de Sundsvall (1991). Já na Carta de Ottawa a promoção da saúde é considerada um processo através do qual a população, sabendo-se vulnerável ao adoecimento, que prejudica sua qualidade de vida, conscientiza-se do problema e busca os meios que favoreçam seu bem-estar e o da comunidade⁽¹¹⁾.

O desenvolvimento da promoção da saúde, como campo conceitual e de prática, auxilia na busca de explicações e respostas mais integradoras, já que, além de ser um conceito vinculado a valores como qualidade de vida, saúde, equidade, solidariedade, democracia, também visa a assegurar a igualdade de oportunidades para conhecimento e controle dos fatores determinantes de sua saúde e proporcionar capacitação dos indivíduos e comunidades, especialmente sobre ambientes favoráveis, habilidades para viver melhor e oportunidades para fazer escolhas mais saudáveis⁽⁹⁾. Assim, a concepção de promoção da saúde é mais abrangente e oferece importantes aportes teóricos à noção de

qualidade de vida, valorizando indivíduos e comunidades como sujeitos ativos na determinação do processo saúde-doença.

A moderna concepção de saúde como resultado de um processo de produção social, que expressa a qualidade de vida de uma população, tem sido significativa para a efetivação de novos entendimentos a esse respeito, capazes de integrar novos componentes na abordagem, apesar da supremacia do modelo biomédico e da pesquisa positivista, ainda vigentes na área. Contudo, a discussão sobre a inter-relação entre a saúde e o meio ambiente, especialmente no Brasil, ainda precisa avançar. A produção científica do setor saúde sobre questões ambientais está, prioritariamente, voltada para o viés epidemiológico, em estudos quantitativos com foco em doenças transmissíveis. Sobre a relação entre qualidade de vida e ambiente saudável não há produção considerável de conhecimento, e este se funda, principalmente, na abordagem das ciências naturais⁽¹²⁾.

A partir da década de 1990 começa a se estruturar um consenso entre os estudiosos da área quanto à relevância da subjetividade e multidimensionalidade no conceito de qualidade de vida, na medida em que começa a ser mais valorizada a percepção e avaliação dos indivíduos sobre sua situação pessoal, seu estado de saúde e os aspectos não-médicos do seu contexto de vida⁽¹³⁻¹⁴⁾. Os desafios sociais, políticos e culturais do esgotamento do paradigma biomédico e da mudança do perfil epidemiológico da população nas últimas décadas também influenciaram a concepção de promoção da saúde. Para dar conta deste novo panorama se deu a estruturação do eixo da Nova Saúde Pública, que visa conceber a saúde como dependente das coisas que o homem criou e faz, das interações entre grupos sociais, as políticas públicas e os mecanismos de atenção à saúde e, inclusive, da formação profissional em saúde e da intervenção sobre o meio ambiente^(10,15).

De uma forma geral, percebe-se então um avanço conceitual acompanhando a evolução do pensamento sobre saúde, doença, meio ambiente, qualidade de vida, promoção da saúde. Alguns fatores são marcantes neste processo, dentre eles: as críticas ao modelo biomédico e à ciência positivista; a inserção de novas

dimensões como componentes da saúde humana - neste caso, especialmente a ambiental; a visão de saúde como um processo socialmente determinado e, por isto mesmo, dinâmico e interdependente; e a valorização da subjetividade como primordial na determinação da qualidade de vida das pessoas. Apesar disso, sabe-se que muito precisa ser feito para avançar, em questões tanto teóricas como práticas, em termos de saúde e qualidade de vida.

AVANÇOS E PERSPECTIVAS PARA A QUALIDADE DE VIDA E A PROMOÇÃO DA SAÚDE NA SOCIEDADE DE RISCO

Relacionar o conceito de qualidade de vida com o atual contexto de rápidas e intensas transformações sociais é algo necessário como forma de dar conta das demandas inerentes à sociedade de risco. Por muito tempo, a concepção de qualidade de vida esteve relacionada com os supostos “benefícios” do progresso técnico-científico, com conseqüente abstração de seus efeitos danosos. Além disso, a saúde enquanto um construto traz consigo uma noção de previsibilidade e certeza, e a crença no progresso é fundamental para alimentar uma idéia de qualidade de vida como conseqüência do avanço da ciência biomédica. Acredita-se que, contemporaneamente, o setor saúde esteja num processo de imersão, de reflexividade, que está sendo fundamental para reavaliar suas bases epistemológicas e alimentar novas concepções, mais coerentes com a nossa época. Desta forma, há convergência com o pensamento de Beck e Giddens, quando definem que a sociedade reflexiva se torna um tema para ela própria. Entretanto, este processo é contraditório, na medida em que, a despeito dos avanços teóricos, em nível prático ainda está dirigido por pressupostos positivistas.

Outro ponto que merece ser destacado diz respeito à valorização da subjetividade dos indivíduos, dando maior importância ao aspecto da autonomia no processo saúde-doença. De acordo com Beck e Giddens, este também é um fator delimitador da alta modernidade, quando a individualização passa a ser determinante para entender-se o comportamento da sociedade. Neste sentido, aceitar um determinado conceito ou idéia de saúde implica na escolha de certas

intervenções sobre o corpo e a vida das pessoas, o que pode ser viabilizado pela oxigenação da concepção de saúde, com reflexões sobre a abordagem dos riscos, como forma de possibilitar um aporte teórico mais coerente com as transformações do mundo.

Não obstante, partindo do pressuposto que o setor da saúde permanece aderido ao modelo de racionalidade instrumental e biomédico, percebemos uma abordagem direcionada para os riscos na perspectiva da doença a qual está na contramão de um entendimento mais relacionado com a sociedade de risco, onde estes não estão ligados somente à perspectiva da doença nem podem ser totalmente previstos e quantificados. A abordagem sobre risco, além do aspecto puramente epidemiológico, deve envolver questões econômicas, ambientais e socioculturais como base da formação de matrizes identitárias e de subjetividades⁽¹⁶⁾, destacando-se que é o significado por nós atribuído às inflexões moderna e contemporânea dos saberes e práticas de saúde que possibilita modificá-las⁽¹⁷⁾.

A concepção de risco como um fator estruturante da sociedade da alta modernidade, influenciando os processos sociais em várias dimensões, não está difundida com a necessária amplitude, o que traz consequências tanto no nível teórico como no prático. Com isso, identifica-se uma lacuna considerável na análise da concepção de qualidade de vida a partir de sua inserção no contexto da sociedade de risco, a qual exige uma importante participação das ciências sociais, de modo a fazer o contraponto ao domínio teórico hegemônico e à ação profissional tradicionalmente compartimentada, especializada e reducionista.

Estas reflexões levam também ao questionamento de como os profissionais da saúde exercem seu papel político na sociedade de risco, sabendo-se que isto, de acordo com Beck e Giddens, é fundamental para o exercício da reflexividade e, portanto, para uma reorientação de concepções e práticas. No que tange ao avanço na concepção de qualidade de vida e à promoção da saúde dentro de um contexto de sociedade de risco, podemos dizer que dependem do exercício efetivo da ética – uma ética de responsabilidade tanto individual como coletiva – uma vez que pressupõem uma

valorização da subjetividade das pessoas e comunidades, ao mesmo tempo em que implicam numa revisão da postura profissional, já que exige o respeito aos valores individuais, a cultura, enfim a multidimensionalidade de fatores implicados em importantes questões do viver. Talvez esta seja a alternativa para rumar em direção à condição de solidariedade social, defendida por Giddens, e também, para o exercício da práxis em saúde, quando teoria e prática se inter-relacionem de forma a consolidar um agir coerente, tanto do ponto de vista da subjetividade dos sujeitos como no que tange às demandas coletivas da sociedade de risco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso reconhecer que dispomos de diferentes abordagens e problematizações sobre os riscos, mas poucas propõem uma teorização de modo a colocá-los em uma posição de centralidade para pensar o social. Todas estas ferramentas teóricas representam aportes que interessam ao campo da saúde, pois produzem novas formas de questionar como se dão as práticas na atualidade. A sociedade de risco impõe reflexões que precisam ser discutidas e analisadas no âmbito da coletividade, no sentido de possibilitar, dentre outros resultados, a promoção da saúde e a qualidade de vida a indivíduos e populações. Os riscos apresentam às sociedades um desafio, e saber gerenciá-los deve ter papel central na vida de indivíduos e coletividades.

Uma atuação profissional compartimentada tem sido considerada insuficiente para a complexidade dos problemas que afetam a sociedade, havendo a necessidade de estabelecer-se um diálogo entre diferentes setores, o que tem particular relevância para a qualidade de vida das pessoas e o desenvolvimento social⁽¹⁹⁾. Ao falar-se em riscos e qualidade de vida, é preciso dar espaço para a revisão de posturas e incorporação de pressupostos que repercutam em concepções teóricas e práticas sociais mais abrangentes, abertas à multidimensionalidade e à subjetividade. Para tanto, além de incorporar o espectro da complexidade das relações que os seres estabelecem entre si e com o mundo, esta

abordagem precisa abrir-se para as diversas formas de percepção e a interdisciplinaridade.

Este é um dos caminhos mais apropriados para “unir elos” e construir mecanismos para interligar saberes, oportunizando o exercício da reflexão sobre aspectos diversos do viver humano e alicerçando a vinculação entre teoria e prática. Além disso, pode possibilitar uma reorientação qualitativa da dimensão política na

sociedade, em nível individual e institucional, dando nova configuração às práticas sociais. Embora isto possa parecer utópico, é o próprio Giddens quem traz a idéia de que este momento da existência humana não representa o fim, mas sim, o início de uma nova etapa, a partir do estabelecimento de novos elos sociais, e de uma nova perspectiva de olhar o mundo.

PERSPECTIVES ON QUALITY OF LIFE AND HEALTH PROMOTION IN THE RISK SOCIETY

ABSTRACT

This is a theoretical reflection which aims to discuss the concept of quality of life and health promotion in the current context of the risk society, claiming to show aspects that can contribute to a better understanding of it in a way to offer different perspectives to the “praxis” in health. For that, this article uses the work of Ulrich Beck and Antony Giddens as a theoretical basis, which points out to a new view to the discussion of the contemporaneous way of living. It also explores the concepts of quality of life and health promotion aiming to get analysis parameters. In most cases, we comprehend that, talking about risks and quality of life implicates in giving space to the revision of the hypothesis that have consequences in the theoretical and social practices which are open to the multidimensionality, empowering the involved subjects’ subjectivity, giving centrality to the risks in the health-disease process’s analysis, and so, achieving a new look to the “praxis” in health.

Key words: Risk. Quality of Life. Health Promotion. Professional Practice.

PERSPECTIVAS PARA LA CALIDAD DE VIDA Y LA PROMOCIÓN DE LA SALUD EN EL CONTEXTO DE LA SOCIEDAD DE RIESGO

RESUMEN

El presente trabajo se constituye de una reflexión teórica que tiene por objeto discutir la concepción de calidad de vida y promoción de la salud delante del actual contexto de sociedad de riesgo, buscando evidenciar aspectos que contribuyan para su mejor entendimiento, de forma a ofrecer diferentes perspectivas para la praxis en salud. Para esto, se utiliza como base teórica, el pensamiento de los sociólogos Ulrich Beck y Antony Giddens, los cuales apuntan nuevos aportes para la discusión de cuestiones inherentes a la vida contemporánea. También explora los conceptos de calidad de vida y promoción de la salud, con el fin de obtener parámetros para el análisis. De una forma general, comprendemos que, hablar de riesgos y calidad de vida implica dar espacio para la revisión de presupuestos que repercutan en concepciones teóricas y prácticas sociales más abarcadores, abiertas a la multidimensionalidad, valorando la subjetividad de los sujetos, atribuyendo centralidad a los riesgos en el análisis del proceso salud-enfermedad, y así, posibilitando una nueva mirada para la praxis en salud.

Palabras clave: Riesgo. Calidad de Vida. Promoción de la Salud. Práctica Profesional.

REFERÊNCIAS

1. Beck U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: Beck, U; Giddens, A; Lash, S. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Ed. da UNESP; 1997. p. 11-71.
2. Giddens A. Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record; 2005.
3. Giddens A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: Beck, U; Giddens, A; Lash, S. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Ed. da UNESP; 1997. p. 73-134.
4. Buttel F. Sociologia ambiental, qualidade ambiental e qualidade de vida: algumas observações teóricas. In: Herculano S, Porto MFS, Freitas CM, editores. Qualidade de vida e riscos ambientais. Niterói: EdUFF; 2000. p. 23-34.
5. Guiddens A. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Unesp; 1991.
6. Schramm FR. A terceira margem da saúde: ética natural, complexidade, crise e responsabilidade no saber-fazer sanitário. Brasília (DF): Fundação Universidade de Brasília; 1996.
7. Minayo MC, Hartz ZMA, Buss PM. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. Cien. Saúde Coletiva. 2000; 5(1):7-18.
8. Marcondes WB. A convergência de referências na Promoção da Saúde. Saúde Soc. 2004;13(2):5-13.
9. Buss PM. Promoção da saúde e qualidade de vida. Ciênc Saúde Coletiva. 2000;5(1):163-177.
10. WestphaL MF. O Movimento Cidades/Municípios Saudáveis: um compromisso com a qualidade de vida. Ciênc Saúde Coletiva. 2000;5(1):39-51.

11. Buss PM. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. In: Czeresnia, D; Freitas, CM. , editores. Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p. 15-38.
12. Camponogara S, Kirchhof ALC, Ramos FRS. Uma revisão sistemática sobre a produção científica com ênfase na saúde e meio ambiente. *Ciência Saúde Coletiva*. 2008;13(2):427-39.
13. Adriano JR, Werneck GAF, Souza RC. A construção de cidades saudáveis: uma estratégia viável para a melhoria da qualidade de vida? *Ciênc. Saúde Coletiva*. 2000; 5(1):53-62.
14. Seidl EMF, Zannon CMLC. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. *Cad Saúde Publ*. 2004;20(4):580-588.
- 15.' Carvalho SR. As contradições da promoção da saúde em relação a produção de sujeitos e a mudança social. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2004; 9(1):669-678.
16. Castiel LD. Dédalo e os Dédalos: identidade cultural, subjetividade e os riscos à saúde. In: Czeresnia, D; Freitas, CM, editores. Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p. 79-96.
17. Ayres JRCM. Risco, razão tecnológica e o mistério da saúde. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*. 2007;11(21):145-63.
19. Meirelles BHS, Erdmann, AL. Redes sociais, complexidade, vida e saúde. *Cienc Cuid Saúde*. 2006; 5(1):67-74.

Endereço para correspondência: Silviamar Camponogara. Rua dos Andradas, 1259, apto 103, Bairro Centro, CEP 97010-031, Santa Maria-RS.

Recebido em: 22/11/2007

Aprovado em: 15/09/2008